

RESUMO EXPANDIDO

ARISTOCRACIA DO TRABALHO E ARISTOCRACIA OPERÁRIA: DOS PAÍSES IMPERIALISTAS AOS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS E DEPENDENTES

Autor: Bruno Almeida Santos

Instituição/Email: Unesp/bruno.almeida-santos@unesp.br

1. Introdução

A discussão em torno da aristocracia operária remete desde a aurora da Revolução Industrial. Se pegarmos a aristocracia operária, como fração do operariado, enquanto objeto de pesquisa, podemos identificar um levantamento bibliográfico que buscou o seu estudo do longo século XIX, ou seja, do capitalismo concorrencial (claro, fundamentalmente da Europa Ocidental, acima de tudo, da Inglaterra).

Marx (1984) e Engels (2010) já puderam identificar em sua época o surgimento dessa aristocracia, nada tão desenvolvido, até porque essa fração do operariado não tinha ainda amadurecido historicamente do ponto de vista político. Nesse período a acumulação do capital se dava predominantemente pela mais-valia absoluta.

Com o objetivo de compreender, ou melhor, de fundamentar teoricamente essa aristocracia operária, partiremos de duas concepções da teoria marxiana. Em primeiro lugar é preciso estabelecer a diferença entre classe trabalhadora e classe operária. Segundo Marx (2022), na classe trabalhadora podemos encontrar trabalhos que são produtivos para o capital e trabalhos que são improdutivos. Dentro do trabalho produtivo existem os trabalhadores que acumulam valor (valor este já encontrado no capital global) para um capitalista (por exemplo, um professor de uma instituição privada) e há os trabalhadores que criam valor novo, estes seriam os operários da classe trabalhadora (por exemplo um engenheiro que atua no setor petroquímico). A classe operária cumpre a função social no capitalismo de criar valor novo, assim como de atuar também no processo de valorização das mercadorias. O operariado está objetivamente atrelado ao trabalho produtivo, ele tem a capacidade singular de aumentar o capital global.

O segundo ponto é que temos, a partir da última década do século XIX e início do século XX, o que se estabeleceu como capitalismo imperialista, fruto do capital monopolista (o capital financeiro). Desse ponto de modificação da acumulação do capital, da sua viragem, podemos

então estabelecer que a aristocracia operária passa a ser encontrada a partir da mais-valia relativa, já que esse passa a ser o método predominante da acumulação do capital global.

Ela, a aristocracia operária, passa então e se coloca no capitalismo tanto do ponto de vista político (em partidos e sindicatos) quanto econômico (fruto por exemplo da qualificação técnica própria como necessidade do capitalismo, por exemplo as modificações implementadas do taylorismo-fordismo), e toma sua maturidade histórica não apenas para defender seus interesses singulares de privilégio frente ao todo da classe operária, mas para estabelecer uma função social de conciliação para com a classe burguesa dominante.

Ademais que boa parte da leitura posterior à Lenin (2011) tenha identificado a aristocracia operária como um fenômeno exclusivamente dos países imperialistas, temos a interpretação de que esse fenômeno também se espalhou para os outros países chamados subdesenvolvidos. Fundamentalmente porque o capital na sua lógica de acumulação global universaliza formas políticas de dominação, experiências de conciliação, tanto com a classe operária nos países imperialista, quanto a classe operária dos países assim dominados e dependentes. Sendo assim, defendo como hipótese inicial que, no Brasil, o que se apresentou como uma experiência de governo por um ex-operário, pode ser, na verdade, um reflexo da relação desigual e combinada do desenvolvimento hipertardi do capitalismo brasileiro, em sua particularidade histórica, tendo como chave de compreensão a categoria de aristocracia operária.

2. Metodologia

Para o desenvolvimento da pesquisa se faz necessário as leituras de obras e textos, muitos deles históricos, para o levantamento necessário da nossa análise. Documentos das organizações dos trabalhadores, atas entre outros, também poderão fazer parte deste processo, seja dos sindicatos, partidos ou movimento sociais, caso essa necessidade se apresente.

3. Resultados/Discussões (se for o caso)

4. Considerações Finais ou Conclusão

No que diz respeito a discussão sobre uma aristocracia operária no Brasil, há autores que se colocam contra essa concepção, ou quando se adentra na classe operária a definição da fração do operariado que estamos tratando aparece como uma “burocracia sindical”. Portanto do levantamento bibliográfico feito até o momento há pouquíssimas referências indicando a

possibilidade do comparecimento de uma aristocracia operária num país subdesenvolvido/dependente.

O que torna decisivo na nossa pesquisa é levantar essa hipótese mas ter como referência central a produção de valor e sua divisão, isto é, o que se acumula aqui no Brasil e quais os ganhos que uma dada fração do operariado qualificado tem frente aos demais (não somente de salário, mas de tudo aquilo que constitui uma qualidade de vida de um operariado qualificado, em paralelo aos países imperialistas) que sustentasse uma posição política dentro da sua própria classe, possibilitando exercer uma posição que vá contra os interesses da sua própria classe. Sem, é claro, diminuir ou menosprezar a vasta bibliografia que também tratou e trata desse referido tema, o que para nós será de grande auxílio.

5. Referências

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010.

HOBBSBAWM, Eric J. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HOBBSBAWM, Eric J. *Os trabalhadores: estudo sobre a história do operariado*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. *O Imperialismo: etapa superior do capitalismo*. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2011.

MARX, Karl. Capítulo VI (inédito): manuscritos de 1863-1867, O capital, livro I. São Paulo: Boitempo, 2022.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*, v.1. t. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*, v.1, t. 2. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*, v.2. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*, v.3. t. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*, v.3. t. 2. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

TEIXEIRA, Rodrigo Dias. *A burocracia sindical cutista e o governo Lula da Silva: a consolidação do social-liberalismo no Brasil / Rodrigo Dias Teixeira*. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2015.